

EDUCAÇÃO, ARTE & CRIAÇÃO CONSTITUINDO ELEMENTOS PARA A CULTURA DA PAZ.

EDUCATION, ART & CRIATION BUILDING ELEMENTS TO THE PEACE CULTURE.

Antonio Mateus de Carvalho Soares¹

RESUMO: O presente artigo fruto da pesquisa realizada no Projeto Convivência, Arte & Criação, desenvolvido com jovens no bairro de Mata Escura, em Salvador-BA., tem como um de seus objetivos afirmar as possibilidades da arte-educação como prática metodológica capaz de acionar o pensamento crítico de jovens e adolescentes, os levando a refletir sobre sua relação com o mundo e no mundo. Como apoio teórico para o desenvolvimento desta reflexão utilizamos as bases teóricas de Hannah Arendt, no que se refere à importância do estímulo à ação, o discurso e o diálogo como constituidores da política e das bases para a mudança social. Partindo da ação política como possibilidade concreta e da educação como instrumento de alcance político, o artigo analisa como os bloqueios subjetivos podem ser desconstruídos pela arte educação, e como a escola pode alterar seu papel social e entrar na luta pelo desenvolvimento da consciência cidadã, a partir da valorização da vida e da construção coletiva da cultura da paz, na perspectiva do reconhecimento dos direitos humanos, na busca da alteridade, na elevação da auto-estima e no combate do mal banal que se manifesta em nosso cotidiano através da violência e do crime.

PALAVRAS-CHAVE: juventude. arte-educação . pensamento. cultura da paz

ABSTRACT: This paper that is a product of a research elaborated at Projeto Convivência, Arte & Criação, developed with children from Mata Escura neighbourhood, in Salvador-BA., has as its goals affirmate the possibilities of art education as a practical mode being able to acionate the critical thought of young people and teenagers, resulting in a reflexion about their relationships with the world and in the world. The theoretical basis to develop this work is Hanna Arendt theories, taking referencies in the importance of stimulating the action, the importance of the speech and the dialog as politic and social changes builder. Starting from the political action as a concrete possibility and from education as a way to reach the politic, the paper analyses how the subjectives blocks can be deconstructed by art education and how the school can changes its social paper and start a fight for the development of a citizen conscience evaluating life and the criation of a peace culture, recongnizing the human rights, elevating the self-stem and fighting against violence and crime manifestations.

¹ Mestre em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pela USP com créditos na UFSCar e na UNICAMP; especialista em Gestão Pública Municipal e Metodologia do Ensino Superior UNEB; Sociólogo; membro da linha de pesquisa: Cultura, Cidade e democracia: Sociabilidade, representações e movimentos sociais, no CRH/UFBA; membro do Observatório da Violência UNIFACS; Atualmente é professor da FACED/UFBA e da ABEC/Faculdade Visconde de Cairu. Integrante do grupo de consultorias do Prof. Gey Espinheira, que atua junto a fundações, ongs e municípios desenvolvendo projetos e pesquisas nas áreas de planejamento urbano, educação, análises de impactos sociais, violência e meio ambiente. Site: www.contatosociologico.crh.ufba.br / E-mail: amateus@ufba.br.

KEY-WORDS: youth, art education, thoughts, peace culture.

INTRODUÇÃO

Pensar é agir no mundo e pelo mundo, o pensamento pode ser um obstáculo ao mal.
Hannah Arendt

Tentar compreender o crescente envolvimento de jovens e adolescentes em atos transgressores, é elaborar um complexo diagrama de cruzamentos e interseções entre situação econômica, psicológica, familiar, cultural, interligadas à fragilização do Estado de Direito e a um quadro de pluricausalidades, que já foi sinalizado no livro: Sociabilidade e Violência no Subúrbio Ferroviário de Salvador – BA, organizado pelo sociólogo Gey Espinheira e lançado em 2004. Deste modo, a questão que se coloca neste artigo, não aprofundará os motivos e as causas da violência, mas às possibilidades de contê-la através da ação do pensamento e das perspectivas criadas pela arte-educação como prática metodológica, que deve estar presente na escola, e na vida de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Aqui destacaremos as possibilidades da arte vislumbrada como instrumento dialético que aciona o pensamento crítico.

Reafirmar o discurso que a escola é uma instituição social falida, e seus métodos pedagógicos são retrógrados, não nos traz novidade. Estamos cientes deste fato, e nosso objetivo é destacar possibilidades de novas reflexões a partir das experiências do projeto “Convivência, Arte & Criação”, que se realizou no bairro de Mata Escura em Salvador-BA, no transcorrer de 2007. A execução deste projeto cria em cada um dos envolvidos a necessidade de pensar os valores educacionais, o papel político da escola e a compreensão de que a educação deve ser para a subjetivação e não para a sujeição, e que a arte em suas múltiplas formas: música, dança, literatura e teatro, induz o pensar, o fazer, o agir no mundo e pelo mundo.

O estímulo ao pensar, o resgate da auto-estima, o desenvolvimento da consciência política, o reconhecimento dos direitos humanos, subjacente ao desenvolvimento da cultura da paz eram objetivos manifestos do projeto realizado em Mata Escura, como método utilizamos a arte-educação, pois acreditamos que através da arte o ser humano é

sensibilizado e desbloqueado dos preconceitos e amarras sociais. A arte excita a liberdade criadora e imaginativa das pessoas fazendo-as pensar e se envolver concretamente no mundo. E como nos indica Edgar Morin, (2005, p.34) “o pensar não é servir às idéias de ordem ou de desordem, é servir-se delas de modo organizador e, às vezes, desorganizador para conceber nossa realidade”.

A arte-educação como prática de despertar o pensamento crítico amplia as possibilidades de vislumbamento do mundo comum, da reflexão, da imaginação e da sensibilização. A prática artística permite uma nova re-significação de nossas ações, de nossa vida e de nossa dimensão sensível. O homem sensibilizado é um ser capaz de multiplicar o sentido da alteridade, a defender as diferenças e a lutar pela coerência na ação política. A escola como local propício para o desenvolvimento da arte-educação é também lugar para a construção de uma consciência social crítica e política. A arte-educação como meio de comunicação e desconstrução da violência, em um contexto de continuo movimento criativo deve estabelecer ferramentas educativas renovadas e que sejam utilizadas como estratégias de minimizar o mal banalizado que se manifesta progressivamente em áreas empobrecidas. Estas estratégias educativas devem legitimar o saber e a arte como intensificadores da vida. Deste modo, tal artigo afirma as possibilidades da arte-educação no combate a estupidez humana, como meio de tornar a escola e o aprendizado mais sedutor, impedindo que jovens e adolescentes se deixem capturar pelo mundo das transgressões, da violência e do crime.

A ESCOLA COMO ALVO DA AÇÃO POLÍTICA

Se o mundo público não existe mais,
talvez a política deva ser reinventada e
as instituições escolares poderão ser o
local dessa reinvenção.

Hannah Arendt

Para Michel Foucault (2000) “a instituição escolar está presente no contexto da modernidade capitalista, não apenas para ensinar saberes, mas para controlar, adestrar as mentes e tornar dóceis e submissos os sujeitos escolares”. Ao longo de sua constituição a

escola foi suprimida, transformando-se em uma instituição repressiva e disciplinadora, uma instituição que nega a política e a livre expressão crítica. A escola da sociedade contemporânea ainda é regida sob o princípio do controle² e da reprodução social capitalista, mesmo assim é possível um deslocamento de parâmetros que estimule o movimento da ação e descolonize o pensamento, tornando-o autônomo e reflexivo.

Repensar a escola é refletir sobre a sociedade e perceber a sutileza de suas relações. Quando a escola não se realiza em suas ações como uma instituição transformadora, ela se mostra uma entidade vazia, e no vazio da escola, habita o vazio da política, e nestes vazios se instala a violência que aniquila o “mundo partilhado” e o “mundo sensível”, como nos indica Hannah Arendt (1990, p. 20). Como uma agência política, a escola do pensamento descolonizado é um lugar de reflexão, não deve ser nunca concebida como uma fábrica de ordens, mas como uma promotora da liberdade de pensamento. A escola deve negar os vícios que se manifestam através de seus controles e disciplinamentos³, e se legimitar como uma instituição transformadora, lugar da ação e do discurso, espaço de desenvolvimento da política e das relações de sociabilidade. A política que nos referimos, não é o sinônimo de governar, mas de falar e ser ouvido, estabelecendo um diálogo em que todos têm o direito à palavra, (ARENDRT, 1995, p. 189), pois é com a “palavra que nos inserimos no mundo humano, e esta inserção confirma o fato original e singular de estar no mundo”.

A noção de política é constituída a partir do conflito e do diálogo, que deve se fazer presente na escola pela prática da ação e do discurso. A corrosão da ação, o esvaziamento do discurso conduz a deterioração da política à destruição do mundo comum, nos restando um mundo sombrio, onde o mal é banalizado e as mais distintas violências se naturalizam aniquilando o sentido dialético da vida e a perspectiva libertadora do pensamento.

A ação e o discurso devem estar presentes na escola, que deve estimular o diálogo entre os homens e potencializar sua presença no mundo. A ação é um dos privilégios permitidos ao homem, nem um outro animal é capaz da ação política, para praticá-la o

² Cf. (DELEUZE, 1992, p. 225) No regime das escolas, as formas de controle contínuo, estão presentes, através da avaliação contínua, e das formas de disciplinas que visam a introdução do estudante na “empresa” em todos os níveis de escolaridade.

³ Cf.(FOUCAULT, 1999, p. 59). A disciplina consegue desenvolver técnicas que permitem o ajustamento da multiplicidade dos homens à multiplicidade dos aparelhos de produção. A disciplina tem a capacidade de diferenciar, hierarquizar e classificar não somente os comportamentos e atitudes, mas também os indivíduos, em função de suas índoles, sua natureza e seus valores.

homem precisa da presença de outro homem⁴. O discurso e a ação estão imbricados e são manifestações singulares, presentes na vida humana, e faz do homem um ser político e constituidor de um mundo comum⁵, onde todos têm do direito a fala a efetiva participação social.

Como movimento de mudança, a ação destrava o homem, rompe as amarras, e possibilita a liberdade do pensamento, o desenvolvimento das subjetividades e a mediação da pluralidade humana, em seu duplo aspecto de igualdade e diferença. Para Hannah Arendt (1995): *“Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, os homens não precisariam do discurso ou ação para se fazer compreender”*. Impulsionada nas aproximações e nos aspectos de igualdade e diferença do homem – a liberdade – no movimento da ação, é uma condição indispensável na elaboração do mundo comum e na afirmação política.

A liberdade de movimento é também a condição indispensável para a ação, e é na ação que os homens primeiramente experimentam a liberdade no mundo. Quando os homens são privados do espaço público – que é constituído pela ação conjunta e a seguir se preenche, de acordo consigo mesmo, com os acontecimentos e estórias que se desenvolvem em história – recolhem-se para sua liberdade de pensamento. (ARENDRT, 1987, p.181)

Nenhuma outra atividade humana precisa tanto do discurso quanto à ação, na verdade há uma condição de existência entre ambos. Em todas as outras atividades o discurso desempenha papel secundário, como meio de comunicação de algo que poderia igualmente ser feito em silêncio. O discurso sem a ação, vira conversa que manipula, mas não comunica, sem a comunicação pelo discurso não há transitividade. Sem esta última, a ação torna-se instrumental, perde seu atributo de liberdade e passa a não ser ação, mas fabricação, cativa de finalidades e mediações estranhas à sua essência. Através do discurso o homem presume a sua verdade. O discurso é relevante na escola porque envolve o falar,

⁴ No centro do pensamento de Hannah Arendt sobre a condição humana estava, de fato, a ação. Contudo, a condição humana do sujeito da ação enseja-lhe outras atividades que, embora pelo ângulo de análise da autora possam ser consideradas passivas, devem ser incluídas no âmbito da *Vida Activa*, porque atuam de modo à por no mundo constrangimentos e limites que balizam a ação. [...] Arendt, decide centrar seus esforços teóricos ao entendimento da *vita activa*, da esfera da ação humana, que ela denomina de condição humana.

⁵ Cf. (NETO-DANTAS, 1999, p. 63) A reflexão Arendtiana sobre a ação não se deve deter ao sujeito, mas na espontaneidade do impulso que a faz emergir, junto como discurso – e sobre os processos limitadores dos efeitos da ação no mundo.

o ouvir, excita o conflito e transforma os elementos que as envolvem em questões políticas por definição.

[...] Além de toda ação possuir *a tendência inerente a violar todos os limites e transpor todas as fronteiras*, há o fato de que a ação atua sobre seres que também são agentes, daí toda reação ser sempre uma nova ação e, portanto, também ilimitada; a segunda propriedade é a imprevisibilidade: não só é impossível prever as conseqüências lógicas de cada ato mas há, principalmente, o fato de que, a partir do momento fugaz do ato se inicia uma nova história, que terá seu sentido independente daquele ato que a gerou, *um sentido que somente se revela quando ela termina*, quer dizer, revela-se ao espectador e não ao ator. (ARENDETT, 1987, p. 204)

É imprescindível no universo escolar o exercício da ação e do discurso, pois a escola é um lugar de socialização e humanização, um espaço de heranças simbólicas e realizações históricas, uma instituição educacional que deve despertar a reflexão crítica e política dos seus alunos, reafirmando-se como um espaço de diálogo permanente e de formação cidadã. A ação, o discurso, o pensar e o fazer devem ser elementos norteadores das práticas educativas, o pensamento em movimento quanto acionado deve alterar criativamente as formas de percepção do mundo, para isto a escola deve perceber a arte-educação como um dispositivo metodológico imprescindível para o estímulo a tomada de consciência e reconhecimento de direitos. A escola deve abandonar o anacronismo disciplinar e o empresariamento de conteúdos e se colocar como instituição que deve mediar às transformações sociais, buscando continuamente o reconhecimento dos direitos humanos, a conscientização política e o desenvolvimento da cultura de paz.

Dentro do enfoque dialógico, proporcionado pela teoria Arendtiana, a escola deve ser vista como um instrumento de difusão, de socialização e reconhecimento dos direitos (civis, políticos e sociais) que definem o campo da cidadania. A cidadania na escola deve ser percebida como uma ação desejável e política. Os métodos para o trabalho, ou melhor, a pedagogia para a cidadania nas escolas deve ser amparada por práticas e dinâmicas criativas, re-inventivas, e que despertem as subjetividades dos jovens e adolescentes. O uso das linguagens da arte-educação se configura como uma atraente proposta para a escola, pois mantém uma relação diferente com a razão e com o sujeito, se mostrando plausível para o

desenvolvimento da conscientização política, pois estimula a imaginação e nega as práticas disciplinadoras e normativas que condicionam o pensar.

JUVENTUDE CAPTURADA E VIOLENTADA

A responsabilidade diante do mundo se estabelece mediante a inexorável correspondência entre pensar e agir.

Hannah Arendt

O mal que habita os *tempos sombrios* da violência, da intolerância, do desrespeito e do aniquilamento das relações de sociabilidade, fragiliza os laços sociais, desqualifica a subjetividade humana e captura a juventude. No Brasil são os jovens que mais morrem e matam, indica pesquisa recente da UNESCO, intitulada o “Mapa da Violência”. Entre 1996 e 2006, os homicídios entre a população de 15 a 24 anos de idade passaram de 13.186 para 17.312, implicando em aumento de homicídios de aproximadamente 32%. Esse crescimento, segundo Julio Jacobo Waiselfisz (2008), foi bem superior ao experimentado pelos homicídios na população total nos anos anteriores a este período. Para estimar o que isso significa, basta lembrar que temos no Brasil, 35 milhões de pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos (IBGE-2007), que se concentram nas grandes cidades e nas regiões metropolitanas.



Fonte: Pesquisa Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, 2008

Na Bahia, Salvador ocupa a 4ª posição nacional em número de homicídios⁶, com jovens em situação de risco, realizando um comparativo nos últimos anos, fica explícito que o número de homicídios cresce progressivamente na capital, tendo duplicado entre os anos de 2002 e 2006, situação que demonstra uma total falência da segurança pública.

TABELA DO CRESCIMENTO DO HOMICIDIO EM SALVADOR 2002-2006

Ano	2002	2003	2004	2005	2006
Homicídios	585	730	739	1062	1176

Fonte: Mapa da Violência, 2008.

Os dados da pesquisa Redução de Danos Sociais nos Bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA (2002-2004), coordenada pelo sociólogo Gey Espinheira e subsidiada pelo Ministério Público do Estado da Bahia, confirma esta progressão nos índices de homicídios, sobretudo entre jovens. Sinaliza que o intervalo de idade entre 15 e 24 anos, é o de maior risco e no qual se concentra os maiores índices de práticas violentas e crimes. Tal contexto nos excita a questionar porque os jovens são o que mais morrem e matam no Brasil, e especificamente na Bahia? Qual a condição de vida dos nossos jovens? Quais suas expectativas? Por que os jovens ingressam na cultura da violência e do crime?

Diversos fatores influenciam o ingresso de jovens no mundo da violência e do crime, entre estes: a pobreza; as dificuldades de inserção no mercado de trabalho; a ausência da família; o desestímulo gerado pela instituição escolar; a falta de perspectivas; a cartelização expansiva da delinqüência e da droga; a impunidade e a perda de confiança na efetividade do sistema jurídico. Fatores que correlacionadas geram o bloqueio que se instaura em um contexto social opressor e de múltiplas carências. Os jovens nestes contextos de vulnerabilidade, são capturados e lhe são impostos *códigos de escolhas* criados por um mundo, que para Zygmunt Bauman (2000, p.26), “fabrica incertezas, inseguranças e

⁶ Cf. Pesquisa Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros, lançada no final de 2007, coordenada por Julio Jacobo Waiselfisz.

falta de garantias; viver na incerteza revela-se um estilo de vida, o único estilo de vida possível, como tendência de uma ‘corrosiva desesperança existencial’”.

Incerteza, medo e risco, são situações presentes na vida dos jovens pobres de Salvador, especificamente, os que residem nos bairros do subúrbio ferroviário e na área do miolo urbano⁷. Jovens que vivem em um contexto hostil de múltiplas carências e reincidentes fracassos, e que na luta pela sobrevivência são vulnerabilizados a encontrar como alternativa o investimento em práticas transgressoras, que repetidas se constituem em uma cultura de violência, dinamizada cotidianamente por um quadro de despossessões e pobreza⁸. O jovem pobre é figurado como um “despossuído” de direitos de razões, e de suas próprias expectativas de futuro, ele faz parte de uma parcela da população que tem seu cotidiano marcado por diversas privações e angústias. A desqualificação social que chega a estes jovens, são rebatimentos manifestos da perversa lógica do capital, que exacerba a exclusão e aumenta o negligenciamento da cidadania efetiva.

A juventude como uma etapa da vida em que os indivíduos deveriam ser preparados a assumir o papel dos adultos na sociedade, consolidando sua integridade moral e crítica é negada. O jovem é privado de oportunidades para obter esta preparação e se torna um adulto desprovido de condições instrumentais e cognitivas para se compreender e se fazer presente no mundo como um sujeito transformador. Tal situação que se reproduz em um ciclo de determinações e bloqueios faz parte da vida de milhares de jovens pobres.

Há um grande número de jovens que vivem um cotidiano dramático de privações, de humilhações e agressões, e que têm em mente “descontar” os constrangimentos a que são submetidos; outros tantos avaliam que “não tem nada a perder” e se predispõem a ações de risco como única alternativa possível para realizar seus objetivos. [...] Assim, impedidos de trabalhar, pois o sistema produtivo não oferece a chance do primeiro emprego – e isso se agrava com a precariedade da formação educacional, estes jovens se entregam a um ócio improdutivo e voluptuoso, no qual a presença de substâncias psicoativas é freqüente, e em seguida se iniciam

⁷ O subúrbio ferroviário de Salvador possui uma área de (41,5km²) é formado por cerca de 20 bairros; o Miolo Urbano possui uma área de (115km²), o termo “miolo” significa parte do território municipal situada entre os dois principais eixos viários de articulação urbano-regional – a BR-324 e a Avenida Luiz Viana Filho (Avenida Paralela) – e as divisas de Salvador com os Municípios de Lauro de Freitas e Simões Filho.

⁸ Cf. (SOARES, A.M. de C. 2007, p. 24) A pobreza como terminologia que indica uma situação social vai instituindo seu significado em paralelo à conformação do direito à cidadania. Sua discussão supõe igualmente a dimensão da cidadania e a luta pelo acesso aos direitos básicos. A questão da pobreza como efeito da desigualdade econômica e social, aparece, então, como questão política que emerge com novas figurações em tempos de capital financeirizado.

em práticas transgressoras como única saída para a obtenção de recursos. (ESPINHEIRA. 2001, p. 11).

Submetido a um esquema de captura e opressão, e sem autonomia para operar seus códigos de escolhas⁹, o jovem em situação de risco é atraído pela cultura do crime, e busca encontrar na transgressão da legalidade, as possibilidades de realização que a sociedade lhe nega. Tal situação, figura estes jovens como “vida nua”, a vida matável, que não merece ser vivida, um *Homo Sacer*¹⁰ que se localiza sempre numa zona de indiferenciação¹¹, fora do espaço jurídico e ao mesmo tempo enquadrado nele, ou seja, estes jovens em situação de vulnerabilidade, fazem parte de uma parcela social, em que o direito existe, mas não prescreve, em uma esquema no qual a captura e o controle sobre a vida despolitizada põe em risco o seu próprio sentido.

OS JOVENS DE MATA ESCURA¹²

Uma vida sem exame, sem reflexão, não vale a pena ser vivida.
Hannah Arendt

O desenvolvimento das atividades de pesquisa do projeto Convivência, Arte & Criação em Mata Escura, nos possibilitaram constitui um perfil aproximado dos jovens do

⁹ Cf. (BAUMAN, 2000, p.79) [...] Toda opção implica escolher uma coisa dentre outras e raramente o conjunto de coisas a escolher depende daquele que escolhe. Outro conjunto de restrições é definido pelo *código de escolha*: as regras que indicam com base em que se deve preferir uma coisa e outras e quando a escolha é adequada ou não. Os dois conjuntos de restrições criam o quando em que opera a liberdade de opção individual.

¹⁰ Cf. (AGAMBEM, G. 2003, p.23) O *Homo Sacer* é uma figura do direito romano. Sinônimo da vida matável que não merece ser vivida – a vida nua. Não fazendo parte de nenhuma comunidade política a situação do *Homo Sacer* é de permanente exceção.

¹¹ Cf. (TELLES, 2006) nestas zonas de indiferenciação se criam situações, cada vez mais freqüentes, que desfazem formas de vida e transformam todos e cada um em “vida matável”.

¹² O bairro de Mata Escura, assim como outras áreas populares de Salvador-BA., apresenta uma série de problemas sociais, que repercutem na vida de seus moradores. Atualmente a população do bairro é de aproximadamente 47 mil habitantes (IBGE); nele se localiza a Penitenciária Lemos de Brito, que ao ser instalada em 1974, atraiu parentes de presos e ex-detentos para as áreas adjacentes, situação que gerou estigma das outras partes da cidade em relação ao bairro. Segundo dados de pesquisas, realizadas no Programa de Pós Graduação em Análise Regional da Unifacs, cerca de 30% da população do bairro de Mata Escura não tem qualquer tipo de rendimento e 59% recebe entre 1 e 3 salários mínimos, situação de desigualdade que se exacerba, quando os indicadores de problemas sociais demonstram que a falta de transporte, saneamento básico, educação, saúde e segurança pública, são os problemas mais graves do bairro.

bairro, tendo em vista as suas vivências, perspectivas, formas que se auto-percebem, e suas relações com o bairro, a família e a escola.

Os jovens de Mata Escura, não se diferenciam dos outros jovens de bairros populares de Salvador, a situação de pobreza e dos múltiplos bloqueios sociais, parece que homogeneiza os grupos, e os colocam em uma mesma vulnerabilidade que se constitui por motivos e causas similares. Assim, podemos sinalizar que o perfil dos jovens em situação de risco de Mata Escura, pode ser definido como aquele jovem que¹³:

- (a) já procurou emprego ou trabalho e não conseguiu;*
- (b) não lê ou lê eventualmente;*
- (c) quando lê jornal, os assuntos ligados à violência e esporte, são os de maior interesse;*
- (d) quando assiste TV, os programas de entretenimento e as novelas são os mais assistidos;*
- (e) considera a cidade de Salvador bonita, boa de morar, mas ao mesmo tempo, insegura e violenta;*
- (f) considera o bairro de Mata Escura bom de morar, mas ao mesmo tempo barulhento e perigoso;*
- (g) conhecem alguém que já foi violentado;*
- (h) consideram que os traficantes, seguidos pelos policiais militares são promotores da violência;*
- (i) percebem a escola como um ambiente desagradável e inseguro;*

O perfil dos jovens do bairro de Mata Escura, é a figuração dos jovens das áreas periféricas das metrópoles brasileiras, vítimas de múltiplas privações e adestrados a terem comportamentos e gostos parecidos, não são estimulados a re-afirmarem sua cultura e suas potencialidades. Jovens sem perspectivas de inserção no mercado de trabalho, que não conseguem vislumbrar a escola como um lugar de encanto; vivenciam a violência banalizada e sabem que se encontram em situação de insegurança. Viver para estes jovens torna-se um angustiante desafio, com crises entre o querer e o poder, ganhando feições aviltantes no momento em que até mesmo os seus quereres de sobrevivência lhe são negados: ao querer morar bem, alimentar-se dignamente, ter acesso à escola de qualidade e

¹³ As informações aqui apresentadas foram extraídas da pesquisa realizada pelo grupo do Projeto Convivência & Arte Criação, realizada durante 2007, com aproximadamente 50 jovens selecionados do bairro de Mata Escura. O número de jovens questionados não representa um quadro amostral de validade quantitativa generalizável, mas possibilita construirmos aproximações de perfis e interpretações qualitativas cruzadas com o conhecimento empírico do bairro e da cidade de Salvador-BA. Deste modo, sempre que nos referirmos aos jovens em situação de risco de Mata Escura, estamos partindo de um somatório de observações que transcendem o quantitativo.

ao emprego digno, ao lazer... direitos que lhe são negados. No momento que o jovem é totalmente desprovido das possibilidades de desenvolvimento dos seus potenciais ele é levado a perder a noção de ordem; seu idealismo em relação à vida entra em crise; e a alternativa encontrada é a transgressão e o envolvimento na cultura do crime.

[...] A juventude é vista como possibilidade, é o que pode fazer, e como esse pode fazer está associado às disposições que lhes foram internalizadas, ele pode estar condenado ao sucesso ou ao fracasso, pode inserir-se na sociedade e viver a contemporaneidade ou ser excluído e subordinado a desempenhar o papel de fracassado social. (ESPINHEIRA, 1999, p. 54).

No desenvolver das atividades em Mata Escura, ficou explícito através das entrevistas realizadas que a família é muito importante na vida destes jovens, contudo ela se mostra ausente em muitas de suas dimensões – material, simbólica e afetiva. A família na modernidade¹⁴ do grande metrópole é uma instituição de laços frágeis e que sofre uma gradativa desintegração em suas formas de solidariedade. Como resultante desta relação fragilizada, que se consolida com as dificuldades econômicas, a família se mostra ausente na vida de milhares de jovens em situação de risco.

- “Eu fui criada para o mundo. Minha mãe só ia na escola quando eu aprontava. Minha família não pesa na minha personalidade. Tive filha, morei na casa de minha mãe, mas sou eu sozinha, não gosto de falar deles. Eu sou eu e acabou. Eles não são referência em nada para mim.” (Fala retirada de entrevista realizada em agosto de 2007, com jovem de 17 anos).

- “A convivência com meu padrasto e com minha mãe, é pior possível, sou sempre criticada, é uma relação complicada.” (Fala retirada de entrevista realizada em agosto de 2007, com jovem de 16 anos).

“A minha relação com minha família é difícil. Meu padrasto só não me bate por causa de minha mãe”. (Fala retirada de entrevista realizada em agosto de 2007, com jovem de 15 anos).

Quando a instituição família se mostra ausente, resta à escola o papel de desenvolver medidas audaciosas e criativas para alterar a situação de risco destes jovens. A escola no exercício do seu ofício transformador deve se apresentar como uma alternativa,

¹⁴ Cf. Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida* (2000), a modernidade imediata é “leve”, “líquida”, “fluida” e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana.

não para operar milagres, mas para formar cidadãos políticos em condições de enfrentar a crise em um mundo onde o mal é banalizado, e as incertezas são constantes. Deste modo, a escola deve se auto-regular e revolucionar suas práticas metodológicas para se transformar em uma instituição sedutora e que consiga dialogar e envolver estes jovens, pois é pela compreensão dos problemas que se pode começar a equacioná-los. Da mesma forma, é pela formação voltada para a valorização da cultura da paz que se criarão novas perspectivas de convivências, a partir de dispositivos que animam e prestigiam a vida.

Nesta perspectiva o projeto Convivência, Arte & Criação, nos indica que é possível se trabalhar com a arte-educação dentro de um quadro de formações temáticas integradas, que vislumbrem a partir da arte de fazer e inventar, possibilidades e estratégias educativas para o desenvolvimento da cultura da paz e a diminuição da situação de risco de jovens e adolescentes. O alvo para a mudança é o pensamento e a forma de pensar destes jovens, para isto é necessário compreender como estes jovens se sentem no mundo e qual a interpretação que eles tem do mundo, o uso da arte-educação e a aproximação com a linguagem destes jovens, certamente os sensibilizaram, fertilizando o terreno para discussões sobre direitos humanos, cidadania, formação política, identidade, auto estima, responsabilidade, mundo do trabalho, família e outros temas contextualizados à realidade e que possam estabelecer *links* com a cultura da paz na perspectiva de se buscar o desenvolvimento social, a legitimação da democracia, dos direitos humanos, da diversidade e da política, como um conjunto de dispositivos que devem fazer parte das discussões no universo escolar.

A ARTE-EDUCAÇÃO CONTRA O MAL BANALIZADO

Quando tudo é permitido, tudo é possível.
Hannah Arendt

A escola é o lugar da ação do aprender, e o aprender não é só a decodificação de fórmulas matemáticas e a discussão de conteúdos programáticos, o aprender envolve o pensar, sobre si e sobre a vida em sociedade. A aprendizagem escapa a ortodoxia da escolarização e vislumbra um ato de criação que estimula a subjetividade humana e as relações entre o individuo e a sociedade, pois como nos indica Georg Simmel (2006, p.17)

“os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros”. Sendo assim, a escola deve ser sedutora, animada, envolvente e que privilegie o pensamento crítico e as relações de alteridade, principalmente para jovens e adolescentes. Enquanto promotora de mudança social, a escola deve assumir claramente uma conotação política, contribuindo na formação de indivíduos democráticos, capazes de criar e manter em funcionamento as estruturas democráticas. Deste modo, em verdade, a escola deve ser concebida como agente de democratização da sociedade.

O projeto desenvolvido com os jovens de Mata Escura acerta no caminho metodológico por perceber a cidadania como um processo construtivo. Para isto trabalha com a desconstrução do óbvio na formação de jovens multiplicadores da cultura da paz, a partir da formação para a prática política, conduzida por formas e métodos criativos e eficazes de comunicação voltadas para a prevenção à violência. Este projeto re-afirma que a educação não deve ser separada da vida¹⁵, ela não é apenas preparação, nem conformidade, ela deve balizar as ações transformadoras, investindo na busca do direito a ter direito. Para isto os arte-educadores foram estimulados a descobrirem as linguagens específicas dos jovens, utilizando-as, como instrumentos de aproximação, possibilitando o diálogo, o contato e o desenvolvimento de gramáticas e práticas específicas, para ir de encontro à cultura de violência e ao esvaziamento do sentido da vida.

***Desbloqueio:** Na realização da dinâmica em que o jovem (um por vez) deveria ir até o centro dizer o seu nome, e fazer um gesto, que seria reproduzido pelo resto do grupo. Houve inicialmente comportamento de repulsa por parte da maioria dos participantes, que consideraram tal atividade uma “bobagem”. Um dos alunos em tom baixo disse ao colega do lado: “Eu não vou fazer isso não”, e o outro respondeu: “Eu também não! Já viu?” (risos). O arte-educador, insistiu na participação de todos e explicou em que consistia a dinâmica... Ao final das atividades todos participaram, o primeiro desbloqueio foi alcançado. [Relatório de Campo, julho de 2007].*

A desconstrução dos bloqueios e a legitimação do diálogo como ferramenta educativa é imprescindível para acionar o pensamento reflexivo e constitui o discurso que defende a *vida ativa*, a cidadania, o reconhecimento social e a convivência entre diferentes. Nesta perspectiva, os diálogos educativos realizados no bairro de Mata Escura,

¹⁵ Cf. (DEWEY J.1972). “Educação é vida, é viver, é desenvolver-se, é crescer”.

demonstram que as práticas que contemplam uma educação do fazer e do pensar, elevam a subjetivação e a criatividade humana nos tornando mais sensíveis frente ao mundo.

A utilização das linguagens da arte, como, por exemplo, oficinas de grafite, pintura e fotografia, discussão de contos literários, dramatização, entre outras práticas, são importantes para dar visibilidade aos interesses expressivos do jovem, mantê-lo afastado de situações de risco, ou até mesmo para resgatá-lo de uma condição violenta para uma outra, em que possa re-significar suas experiências de vida, afirmando sua identidade e avançando na compreensão de si mesmo e dos outros. Tal experiência nos indica a necessidade que a escola se afirme como centro cultural, oferecendo, atividades de cunho artístico que preencham o vazio de oportunidades lúdicas e educativas, sobretudo para que os jovens e adolescentes confinados nas periferias das cidades, se aproxime da dança, do teatro da literatura, ativando seu imaginário, provocando um campo múltiplo de deveres humanos e possibilidades de invenção e ratificação das animações da vida.

Na escola que se estabelece como centro cultural há de haver programas temáticos capazes de seduzir quem aprende ou ensina. Há de se preservar o direito de acesso ao patrimônio cultural da humanidade, a formação de grupos culturais, clubes de ciências, presença na internet... *Há de haver, pelo menos por ali, os pássaros que nós idealizamos.* Em suma: raízes, troncos, conteúdos criados e recriados, folhagem densa de valores, e lá em cima esses meninos-pássaros cantando um futuro de ousadia e libertação. (LIMA, P. C. Editorial A Tarde, Opinião, 17/02/2008).

A arte-educação como instrumento de combate ao mal banalizado, estimula o imaginário e a espontaneidade inventiva do pensar, afirmar as sensibilidades da existência, reabilita a reflexão crítica, a ação, o discurso, o diálogo, indicando novas formas de estabelecer os códigos de escolhas¹⁶ e a práticas políticas tão necessárias à constituição da cidadania substantiva, através do reconhecimento de suas responsabilidades perante a vida e ao mundo. A arte-educação possibilita a libertação dos condicionamentos e das

¹⁶ Cf. (BAUMAN, 2000, p. 79) O principal instrumento moderno para criação do código de escolha foi a *educação*. Trata-se de um esforço institucionalizado para instruir e treinar os indivíduos na arte de usar sua liberdade de escolha dentro da agenda estabelecida legislativamente. A *educação* visa a promover os optantes de sinais de orientação, regras de conduta e acima de tudo, *valores* que orientem a opção, ou seja, dota-los da capacidade de distinguir entre as razões corretas e incorretas de preferência e da inclinação a seguir aquelas a evitar estas. A educação visa a induzir os indivíduos a internalizar as normas que dali em diante guiarão a sua prática.

deformações cometidas pelas sucessivas coerções que o controle social nos submete, pois estimula o pensamento inovador e emancipatório.

CONCLUSÃO

As chaves conceituais de Hannah Arendt nos permitem a abertura de uma reflexão sobre a vida e o mundo, o seu conceito de política vai de encontro à situação de vulnerabilidade em que vivemos, no qual a opressão e o descaso ganham força em seus controles, que excluem e captura um número expressivo de jovens em situação de risco. Os tempos sombrios¹⁷ que marcaram durante um período a dubiedade do mundo estão presentes, o homem continua sendo gradativamente esvaziado de suas subjetividades, e violentado a cada rodada do capital de giro que financeiriza e controla a vida.

O entendimento da política sob o escopo teórico de Hannah Arendt requer uma vinculação com um projeto de liberdade, o homem em sociedade deve ser o ator principal das investidas de uma ação política em um espaço comum, contudo as possibilidades para o desenvolvimento deste projeto de liberdade lhe são negadas. Ao sustentar que a política é algo vital para os indivíduos e para a sociedade, a teoria Arendtiana em suas críticas à contemporaneidade, nos faz pensar sobre a necessidade do direito a ter direito. Nos faz pensar sobre a situação dos 600 mil habitantes que moram no Subúrbio Ferroviário de Salvador e convivem com a violência cotidiana. Nos faz pensar sobre a população do bairro de Mata Escura, onde dos aproximadamente 47 mil habitantes, cerca de 30% não tem qualquer tipo de rendimento e 59% recebe entre 1 e 3 salários mínimos¹⁸. Nos faz pensar sobre a juventude capturada e violentada. Nos faz pensar sobre a sociedade do bloqueio, a falta de alternativas para o ingresso profissional, a exclusão empregatícia, a não perspectiva de futuro e a situação endêmica de risco de milhares de jovens brasileiros.

¹⁷ Cf. (ARENDDT, 1987, p. 20) A história conheceu muitos períodos de tempos sombrios, em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política além de que mostre a devida consideração pelos seus interesses vitais e liberdade pessoal. [...] o âmbito público perdeu o poder iluminador que originalmente fazia parte de sua natureza [...] a liberdade em relação à política, como uma das liberdades básicas, utiliza tal liberdade e se retira do mundo e de suas obrigações junto a ele.

¹⁸ Segundo dados de pesquisas, realizadas no Programa de Pós Graduação em Análise Regional da Unifacs.

O pensar com consciência crítica nos leva a perceber que um turbilhão de privações e bloqueios permeia a sociedade e nos impede de contemplarmos o mundo comum; nos impede de termos nossos desejos realizados e nossa cidadania efetivada. Tal capacidade de pensar, em vez de desestimular nossa ação e discurso, nos potencializa a continuar buscando saídas contra o mal banalizado, nos torna cidadãos críticos e motivados a promover a mudança social. O pensamento reflexivo estimula o desejo de lutar por um mundo comum, mas justo e com menos violência.

O pensamento como antídoto do mal deve ser cultivado nas instituições sociais, entre estas, na escola como nos demonstrou o projeto Convivência Arte & Criação, que objetivando desenvolver a cultura da paz partiu das especificidades da vida dos envolvidos, indicando processualmente um novo *ethos* de convivência e reconhecimento das diferenças em busca da valorização da vida, a partir do desenvolvimento de estratégias políticas que oriente a ação no mundo e pelo mundo.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.
- _____. **A Zona Morta da lei**. Folha de São Paulo. Caderno Mais!, 2003b.
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. I Parte: Sobre a humanidade em tempos sombrios – Reflexões sobre Lessing. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.
- _____. **A condição humana**. 7ª. Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. **Entre o passado e o futuro**. Editora Perspectiva, 5ª. Edição. São Paulo, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. **Em busca da política**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CARVALHO, José Antonio de. **Salvador: Cidade repartida, Violência: diagnóstico e fortalecimento da cidadania**. Gráfica dos Sindicato dos Bancários. Salvador. 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Cap. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. 7ª. Edição. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: 8ª. Ed., Melhoramentos, 1972.
- ESPINHEIRA, G. **Desaparecimento e desaparecidos: um estudo da violência urbana**. Salvador: Tribunal de Justiça do Estado da Bahia/CEFIJ, 1999.
- _____. **Sociabilidade e violência**. Criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Ministério Público do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 2004.

- _____. **Crianças e adolescentes saídos de casa na paisagem das ruas.** In, Fernanda Gonçalves Almeida. Formação de Educadores sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Secretaria do Trabalho e Ação Social – SETRAS, 2001.
- _____. **Os tempos e os espaços do crime.** In A Outra face da moeda – violência na Bahia/Nelson de Oliveira, Lutz Mulert S. Ribeiro, José Carls Zanetti (orgs.). Salvador: Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, 2000.
- _____. **Sociabilidade e violência na vida cotidiana em Salvador.** In: Bahia Análise & Dados/Violência/ Salvador – v. 11 - nº 01 – junho, 2001.
- _____. **Proximidade e intolerância.** In: Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia/Universidade Federal da Bahia/CRH, 2003.
- FONSECA, Márcio Alves de. **Michel Foucault e a constituição do sujeito.** São Paulo: EDUC, 2003.
- FOLHA, de São Paulo. 19.03.2007. **Como calcular o risco de ser jovem.** Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd190307.htm>. Acesso em 10 de agosto de 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Cap. V – Direito de morte e poder sobre a vida. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.
- _____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **A governabilidade.** Ditos e Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. **Estratégia, Poder-Saber.** Ditos e Escritos IV – A vida dos Homens Infames. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Aprendendo com a própria história.** 2ª. Ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2001.
- _____. **Pedagogia da Esperança.** Um re-encontro com a pedagogia do oprimido. 13ª. Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 2006.
- MORIN, Edgar. **O método 1. A natureza da natureza.** Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. & LE MOIGNE, J.. **A inteligência da complexidade.** São Paulo: Petrópolis, 2000.
- _____. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1996.
- NASCIMENTO, Milton Meira do. **Dentro e fora da lei.** Resenha do Livro de G. Agambem “Homo Sacer”. Folha de São Paulo, Caderno de Resenhas, 09/11/2002, 2002.
- NETO-DANTAS. Paulo Fábio. **Realismos surpreendentes: o lugar da ação no pensamento de Antonio Gramsci e Hannah Arendt.** In: Caderno CRH, n.1,- Centro de Recursos Humanos. UFBA, Salvador, 1999.
- RANCIÈRE, Jacques. **A crise da Razão – O dissenso.** Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- SOARES, Antonio M. de C. **Violência, crime e jovens empobrecidos.** In: Sociabilidade e Violência: Criminalidade o cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador-BA. EDUFBA/Ministério da Justiça – Programa Redução de Danos Sociais. Salvador, 2004.
- _____. & CARVALHO, Carmem Sílvia B. F. **A imbricações: Política, Mundo Comum e Estado.** Revista Org & Demo, Programa de Pos Graduação UNESP, Marília, 2007a.

_____. **Jogo e Captura: o Estado e a Política em tempos de financeirização econômica.** In: Anais do 13°. Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste- UFAL - Maceió (AL) 03 a 06 de setembro de 2007b.

_____. **Salvador: pobreza, figurações e territórios.** In: Anais do XXII Congresso Brasileiro de Sociologia – Desigualdade, Diferença e Reconhecimento – Campus – UFPE – Recife-PE, 2007c.

_____. **Violência e pobreza nas cidades brasileiras.** In: Anais da IX Semana de Mobilização Científica, UCSAL: Salvador, 2006.

SIMMEL. **Sociologia.** Evaristo de Moraes Filho. (Org.). Tradução Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983.

TELLES, Vera. **Sociedade Civil, direitos e espaços públicos.** Revista Polis, nº 14, São Paulo, 1994.

TELLES, Vera da Silva. **Transitando na linha de sombra, tecendo as tramas da cidade.** In: RIZEK, Cibele & OLIVEIRA, Francisco. A era da indeterminação. Coleção Estado de Sítio. Editorial Boitempo. São Paulo, 2007.

_____. **Pobreza e Cidadania.** São Paulo:USP, Curso de Pós Graduação em Sociologia/Ed. 34, 2001.

_____. **Sociedade Civil, direitos e espaços públicos.** Revista Polis, nº 14, São Paulo, 1994.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008.** In: Rede de Informação Tecnológica Latino Americana, Brasília, 2008.

_____. **Mapa da Violência: Os jovens do Brasil.** Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

_____. (et al) **Juventude, Violência e cidadania: os jovens de Brasília.** São Paulo: Cortez, 1998.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel.** São Paulo. Editora 34, 2000.